

**FAUSTO, Boris.** *O crime do restaurante chinês: carnaval, futebol e justiça na São Paulo dos anos 30.* São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

*Roberto Pereira Silva*<sup>1</sup>

A micro-história é um tipo específico de pesquisa iniciada na Itália com Edoardo Grendi, mas cuja popularidade mundial foi alcançada com o livro do também italiano Carlo Ginzburg, *O queijo e os vermes*<sup>2</sup>, que narra as ideias cosmológicas de um moineiro friulano do século XVI.

Esse gênero historiográfico surgiu do desencanto com a chamada história estrutural, com as grandes interpretações globais da sociedade. Entretanto, esse abandono não significaria, como se poderia pensar a primeira vista, um mergulho no particular. Na verdade, a melhor maneira de se pensar a micro-história é como um jogo de escalas. Mesmo porque a rejeição total de interpretações, ensinou os desconstrutivistas, é impossível, embora seja factível e salutar o exercício de algum tipo de controle entre os processos globais e seus componentes particulares, que não os invalide, mas coloque a generalidade sob escrutínio da vivência irredutível, abrindo caminho para o filtro entre o indivíduo e a sociedade.

Um primeiro cuidado que precisamos ter com esse gênero de história está nos enganos que o radical micro pode induzir. Não se trata, desde já, de estudo fragmentado. Ou seja, não se trata do particular, mas o estudo particularizado que objetiva iluminar um processo amplo. Em decorrência, *micro* não significa pesquisa pequena; antes exige uma leitura intensiva da documentação e a habilidade narrativa para realizar aquilo que o antropólogo inglês Clifford Geertz chamou de *descrição densa*.<sup>3</sup> Essa relação com a antropologia nos remete à reabilitação do sujeito como agente histórico e a forma de apresentação da mesma aponta para o retorno da narrativa, como Lawrence Stone<sup>4</sup> chamou a resposta pós-moderna à história social hegemônica entre as décadas de 1940 e 1960.

<sup>1</sup> Doutorando em História Econômica na FFLCH-USP. Bolsista FAPESP.

<sup>2</sup> GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes*. São Paulo: Cia das Letras, 1991.

<sup>3</sup> GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1989.

<sup>4</sup> STONE, Lawrence. "O ressurgimento da narrativa: reflexões sobre uma nova velha história". *Revista de História*. Campinas: IFCH/UNICAMP, 1991.

O mais recente livro de Boris Fausto, *O crime do restaurante chinês: carnaval, futebol e justiça na São Paulo dos anos 30*<sup>5</sup>, nos faz mergulhar nesse gênero de história ainda novo no Brasil. O ineditismo, entretanto, é contrabalançado pela experiência do historiador. O tema da criminalidade em São Paulo o fez produzir um livro clássico sobre o assunto, *Crime e cotidiano*<sup>6</sup>, assim como sua recente biografia de Getúlio Vargas<sup>7</sup> calibrou sua pena na história narrativa. Além disso, possui em seu currículo obras de síntese como a muito lida *História do Brasil*<sup>8</sup> — um volumoso livro que percorre a nossa história desde os condicionantes portugueses da colonização do Brasil até o governo Fernando Henrique Cardoso — e o clássico *Revolução de 30. História e historiografia*<sup>9</sup>. Essa experiência é importante porque o gênero é difícil e seu êxito depende em muito do traquejo e da prática do historiador.

Este *O crime do restaurante chinês* procura reconstituir o cotidiano da cidade de São Paulo, lançando luz sobre temas como “o funcionamento do aparelho policial e judiciário, o racismo, a discussão da natureza da criminalidade, do perfil dos infratores etc.”<sup>10</sup> Poderíamos

acrescentar o relacionamento dos imigrantes de diversas nações, e a vivência cultural da cidade, ganhando destaque o futebol e o carnaval. Assim, uma dificuldade para a elaboração da resenha é encontrar a medida entre a narrativa principal e o contexto geral. Isso porque se deter no factual é retirar ao leitor o sabor da narrativa, enquanto os elementos gerais perdem sua unidade desligados do acontecimento principal.

Já dissemos como o gênero micro-história tem na narrativa uma de suas forças, o que exige uma habilidade extra do historiador, que deve ter tino para despertar a curiosidade do leitor. Entretanto, narrativa não significa, nesse caso, ficção, e o relato é baseado na leitura intensa da documentação, sobretudo o processo criminal movido pela Justiça Pública de São Paulo contra Arias de Oliveira, suspeito e réu do crime e os jornais da época. Cabe ressaltar que esse tipo de documentação judiciária foi fundamental em outro ensaio de micro-história, *O Queijo e os Vermes*, no qual são utilizados os processos inquisitoriais. Ainda do ponto de vista da documentação, o processo traz a transcrição dos depoimentos e das falas do interrogado, se tornando uma fonte inestimável para a reconstituição da voz desses atores por muito tempo silenciados pela história.

O objeto de estudo do livro, especificamente, é o assassinato de um casal de chineses, proprietário de um restaurante chinês e seus dois funcionários que trabalhavam e dormiam no local, numa Quarta-Feira de Cinzas de 1938. O

<sup>5</sup> FAUSTO, Boris. *O Crime do Restaurante Chinês: carnaval, futebol e justiça na São Paulo dos anos 30*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

<sup>6</sup> Idem. *Crime e Cotidiano: a criminalidade em São Paulo (1880-1924)*. 2a edição. São Paulo: Edusp, 2001.

<sup>7</sup> Idem. *Getúlio Vargas: o poder e o sorriso*. São Paulo: Cia das Letras, 2006.

<sup>8</sup> Idem. *História do Brasil*. São Paulo: Edusp, 2002.

<sup>9</sup> Idem. *Revolução de 30. História e historiografia*. Editora Companhia das Letras, 1997.

<sup>10</sup> FAUSTO, 2009, p.11.

restaurante, situado na Rua Wenceslau Braz, número 13, na Praça da Sé, tornou-se o centro das atenções da cidade, não apenas pela brutalidade das mortes — os três homens foram espancados com um pilão de madeira e a mulher estrangulada em seu quarto de dormir — mas também pela relação com uma misteriosa minoria de imigrantes pouco adaptada aos meios brasileiros.

Esse evento inicial serve para Boris Fausto introduzir o perfil das vítimas, sua origem e suas dificuldades de integração no país: a família da esposa, Maria Akiau, por exemplo, fizera grandes esforços nesse sentido, adotando o catolicismo, usando nomes brasileiros. Isso tudo, a despeito das diferenças de língua e escrita. Estima-se que, à época, o número de chineses em São Paulo não ultrapassaria duzentas pessoas, distribuídas em atividades como restaurantes, tinturarias e os agora tradicionais pastéis de feira com caldo-de-cana.

Já o carnaval entra de forma inusitada na narração. O principal suspeito do crime, Arias de Oliveira, um imigrante de Franca, negro, que trabalhara alguns dias no restaurante pedira as contas na sexta-feira porque queria ver o carnaval de São Paulo. A passagem merece ser transcrita:

(...) passadas duas semanas de trabalho, Arias decidiu pedir a conta. A razão principal não foi o pagamento de uns poucos mil-réis, ou as condições precárias de trabalho. O que o empurrou para a rua foi a aproximação do carnaval. Não podia sequer imaginar perder a folia e fi-

car naquele lugar, raspando crostas de comida que teimavam em se agarrar aos pratos e às panelas. Muito menos queria se sujeitar a acordar muito cedo em pleno carnaval, obedecer a ordens, cumprir a rotina de todos os dias.<sup>11</sup>

É dessa forma que o autor nos mergulha no carnaval paulistano. Primeiramente mostra a decadência dos desfiles de corsos nas avenidas Paulista e São João, ao mesmo tempo em que descreve os bailes populares concentrados nas praças públicas da Sé e do Patriarca, com tablados montados para os foliões dançarem ao som de bandas e assistirem aos desfiles dos primeiros blocos e cordões, como o Lavapés, os Desprezados, o Flor da Mocidade. O carnaval mobilizava a todos, não apenas ao suspeito; também o casal de chineses alugara um carro para passear pela cidade em festa. Entretanto, nem tudo era folia nesses dias de momo. No dia anterior ao crime, Arias de Oliveira fora conversar com Hong Fu para lhe pedir o emprego de volta, pois estava sem dinheiro e se alimentava basicamente de bananas podres encontradas nos fins de feiras. A fome se tornaria uma constante nas narrativas e nos depoimentos de Arias.

Outro ponto importante deste livro é a descrição dos métodos científicos utilizados pela polícia, a chamada análise antropsiquiátrica, recurso aplicado pela chamada Escola Positivista no campo da criminologia. Com ela, o autor desenvolve as diferentes concepções do

<sup>11</sup> *Ibid.*, p.58.

ato criminoso que estavam em jogo, bem como a condição enviesada da investigação e dos interrogatórios. A equipe de perícias, que iria elaborar o laudo do acusado, era formada por Ricardo Gumbleton Daunt, introdutor da papiloscopia científica no Brasil, o médico psiquiatra Edmur de Aguiar Whitaker, o médico antropólogo Oscar de Ribeiro Godoy e o endocrinologista Pedro Moncau Júnior, “todos funcionários do Estado e figuras de prestígio em suas especialidades”<sup>12</sup>. Boris Fausto nos descreve os testes utilizados: associação rápida de palavras (Jung-Bleuer), bem como as associações de figuras através de pranchas com manchas de tinta (Rorschach).

As reações de Arias, resgatadas pelo historiador, dão bem a medida da distância entre os métodos científicos aplicados pelos médicos e a atitude desconfiada e temerosa do acusado, certamente ciente das confusões que estes testes poderiam ensejar. Assim, de quando em quando, o suspeito exclamava, diante de uma sucessão de palavras ou de desenhos que pareciam “fantasmas”: “Chi, tá doído!”. Ou, em frente às imagens, após explicarem que se tratava de um teste de inteligência, respondeu: “Mas a gente diz qualquer coisa e fica ainda mais condenado!”<sup>13</sup> Após a conclusão dos interrogadores de que Arias de Oliveira era o culpado, podemos ouvir seu lamento desesperado e a certeza de que os testes o induziram a confessar o que não fize-

ra: “pois não fui eu. Eu sei que jurar não adianta, mas eu juro por tudo que é santo que sou inocente. Eu vou sofrer sem dever, só por ter dito burradas [...] Mas a gente agora vai ser condenado inocente? E se a pessoa que fez o crime se entregar, o que o senhor me diz? Pois eu juro pela alma da minha mãe, eu estou inocente. Acharam alguma prova contra mim? Doutor, este gabinete nunca falhou. Pois agora, com a fé em Deus, ele falhou. Falhou em tudo.”<sup>14</sup>

Cabe destacar que a aplicação dos métodos científicos demonstra a preocupação da polícia em evitar as confissões “espontâneas”, desacreditadas pela opinião pública e assimiladas à tortura. Assim, a polícia paulista se vira diante de duas dificuldades: demonstrar o empenho e a superioridade dos métodos empregados e também prestar contas à população do trabalho da instituição.

Findo o inquérito policial, inicia-se o processo na Justiça do Estado. Nesse momento o fator racial, implícito ou explícito desde o início, começa a ter peso no caso. A Frente e depois União Negra Brasileira, entidade fundada por negros que conseguiram alguma ascensão social e se preocupavam em “nobilitar a raça” intervêm a favor de Arias, contratando o advogado Paulo Lauro, formado em direito no Largo São Francisco, então aos 31 anos de idade e que faria carreira ao lado de Adhemar de Barros, chegando a ser prefeito de São Paulo entre 1947 e 1948.

<sup>12</sup> Ibid., p.94.

<sup>13</sup> Ibid., p.84.

<sup>14</sup> Ibid., p.109 [grifo nosso]

As tentativas do advogado de interpor recurso anulando a acusação, valendo-se não apenas da ausência de provas materiais, mas também da relatividade das provas científicas não foram aceitas e o réu foi preso por assassinato e aguardaria o julgamento na cadeia. Esse novo infortúnio de Arias de Oliveira, preto, pobre, nascido no interior e sem conhecimentos na cidade grande iria se modificar em virtude justamente daquele caráter racista que iria se transformar com a comoção nacional da Copa do Mundo de 1938, realizada em julho na França.

A população acompanhou atentamente a primeira Copa na qual as rivalidades Rio-São Paulo (os centros urbanos de onde os jogadores eram recrutados) foram equacionadas e a preparação técnica da equipe foi levada a sério. Esta seria a melhor copa brasileira até então, e o preconceito contra os mestiços foram sendo superados, à medida que a habilidade dos jogadores da seleção — destacando-se a figura de Leônidas da Silva, o Diamante Negro, inventor do gol de bicicleta e artilheiro daquela copa — sobressaía naquela Europa branca, marcada pela ideologia ariana da Alemanha. Sobretudo após a vitória sobre a Tchecoslováquia, nas quartas de final, no segundo jogo (o primeiro empatou em 1 a 1), a euforia cresceu, e os jogadores, negros em sua maioria, passaram a ter lugar, juntamente com suas famílias, nos jornais e nos programas de rádio.

Essa comoção em torno do *team* brasileiro, compreensível nos dias de hoje, era inusitada numa cidade de imi-

grantes como São Paulo. O grau de integração, entretanto, pode ser percebido no telegrama que o diretor do *Diário Húngaro* enviou à FIFA, protestando contra o juiz que expulsou dois jogadores brasileiros, naquela segunda partida, alegando que “dezenas [de] anos [de] esforços patenteiam nossa gratidão [pelo] povo brasileiro. Não podem ser despeitados em noventa minutos”<sup>15</sup>. Integração semelhante se deu pelo respeito e silêncio da comunidade italiana após a derrota do Brasil pela Itália, o que ocasionou o fim de sua participação nessa copa, nas semi-finais. Mas a ligação entre a copa e o crime do restaurante chinês, inaudita a princípio, surge na pena de Boris Fausto:

Aparentemente, esse momento de euforia na vida da cidade, suscitado pela Copa do Mundo, nada tinha a ver com o crime do restaurante chinês. Em grande medida, a constatação é óbvia. Mas um possível fio, quase invisível, parece estender-se entre os dois acontecimentos. Já dissemos que a imagem de Arias como ‘monstro’, como ‘fera humana’, não se ajustava à sua figura humilde e pacífica [...]. É nesse ponto que surge o fio da sensibilidade. Embora a rigor não fossem parecidos, havia alguma semelhança, que pode ter levado muita gente, inconscientemente, a associar as imagens do grande ídolo Leônidas da Silva e do modesto Arias de Oliveira, acusado de um crime terrível.<sup>16</sup>

A resenha poderia prosseguir, com os movimentos da defesa e os julgamen-

<sup>15</sup> Ibid., p. 148.

<sup>16</sup> Ibid., p.153.

tos que se estenderam por mais quatro anos. Mas acreditamos que o leitor já percebeu o movimento do livro. Retomando as considerações sobre a micro-história, encontramos nesse *O crime do restaurante chinês*, um livro exemplar. Isto, em grande medida devido ao profundo conhecimento de seu autor tanto do tema específico, a criminalidade na São Paulo dos anos de 1930, quando do tino para a leitura intensiva do processo-crime. É esse domínio do tema que permitiu alçar a história individual de Arias de Oliveira às grandes discussões sobre a natureza do crime, o funcionamento do aparato policial, a função ambígua do racismo nos estratos superiores e nas classes populares, e o papel das festas.

Assim, esse movimento que vai do processo global à biografia e à filigrana, permite compreender como os temas gerais são interiorizados. Exemplo disso é o racismo existente no tempo da narrativa, que representado pela história de Arias de Oliveira, mostra-se em toda sua ambigüidade, confrontando-se com os sonhos do imigrante francano, que vai para a cidade de São Paulo buscando um emprego melhor e se defronta com a impessoalidade da multidão. Esses movimentos de escala, peculiares à micro-história, estão presentes em *O crime do restaurante chinês* e abrem uma perspectiva para futuras pesquisas.

### Referências bibliográficas

FAUSTO, Boris. *Crime e cotidiano: a criminalidade em São Paulo (1880-1924)*. 2a edição. São Paulo: Edusp, 2001.

\_\_\_\_\_. *Getúlio Vargas: o poder e o sorriso*. São Paulo: Cia das Letras, 2006.

\_\_\_\_\_. *História do Brasil*. São Paulo: Edusp, 2002.

\_\_\_\_\_. *O crime do restaurante chinês: carnaval, futebol e justiça na São Paulo dos anos 30*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

\_\_\_\_\_. *Revolução de 30. História e historiografia*. Editora Companhia das Letras, 1997.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1989.

GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes*. São Paulo: Cia das Letras, 1991.

STONE, Lawrence. "O ressurgimento da narrativa: reflexões sobre uma nova velha história". *Revista de História*. Campinas: IFCH/UNICAMP, 1991.



